

Oxum, abebé sociopolítico, do amor:

“Epistemologias de afeto” a partir das experiências de mulheres de terreiro

Dayane Ribeiro Santos¹

255

“Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto, Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio.”

Conceição Evaristo, *Ponciá Vivência*

A idealização desse texto nasce da relação desaguada que tenho com o Orixá Oxum, uma relação subjetiva e espiritual, mas que atravessa conceitos filosóficos e teológicos diante das minhas relações socioafetivas. Tendo em vista, a minha chegada ao Recôncavo Baiano levando-me a uma busca constante ancestral integralmente relacionada com o Outro.

Por um processo de ruptura familiar que me levou ao desconhecimento do corpo materno biológico, o encontro desse corpo sempre me foi idealizado. Sendo uma mulher negra diaspórica, os caminhos

¹ Pesquisadora, Educadora, Performer, Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, Mestranda em Artes da Cena pelo Programa de Pós Graduação na UNICAMP.

me levaram a entender que na filosofia africana a maternidade encontra-se presente em diversos corpos.

O terreiro de candomblé é um espaço afetivo, comunitário, que possibilita o encontro do eu com o afeto entre as múltiplas interações, perceptível no singelo ato da *bença* ou até mesmo nas complexidades das obrigações espirituais. Ambiente de trocas coletivas.

O diálogo sobre a necessidade da reestruturação e ressignificação do afeto, para nós, mulheres negras, se torna pertinente, já que nas encruzilhadas cruzadas pelos racismos, sexismos, machismos, apagamentos históricos e outras mazelas sociais, o desafeto se encontra latente entre as relações sociais destas mulheres. Oxum, orixá do panteão yorubano, humanizará essas mulheres, mostrando que o afeto pode ser percebido entre o “nosso povo” tendo uma relação direta com a cura quando se tem percepções ancestrais da afetividade. A cura está vinculada com maneiras de sobrevivência:

256

Oxum

Oxum, orixá que traz (*ori*)entação² às minhas relações, tendo como ferramenta a afetividade para curar e modificar situações, pois sendo uma *Yalodè*, “título dado à mulher que vai para rua defender a diversidade de mulheres, mesmo aquelas que não comem no mesmo prato” (Akotirene, 2018), olha a todos com sabedoria política. Peço *agô*³ a Oxum para utilizar o conceito do abebé (espelho de Oxum) como “abebé político”.

O que chamo “*abebe* político” transfigura um movimento ético no candomblé, no qual o afeto para o Outro, numa perspectiva ancestral, se coloca como ato ético\espiritual. Uma possibilidade de afetar/problematizar/curar diversas problemáticas que nos atravessam como seres sociais.

Acostumamos dizer que Oxum se olha no seu espelho refletindo sua beleza. Mas que beleza ela está vendo? Refletindo a diferente maneira de se olhar no espelho, contada por Carla Akotirene (2017):

² ori = cabeça para os yourubas, discernimento partido da cabeça.

³ Licença

Osun, em hipótese alguma, pode ser considerada narcisista. Narciso é branco, europeu, apaixonado pela própria imagem. Não vê o outro. Autoadora-se! Osum, é africana, usa o espelho para olhar os outros as suas costas. No rio, Osun, guarda o mundo das mulheres, por isto é adorada. A dourada. Narciso morre em nome de si. Osun vive em nome das outras. Osun não é mito. Osun é estado líquido da Nigéria, é o nosso bosque, cuja capital é Osogbo. (Akotirene, 2017)

Muitas pessoas que procuram um terreiro de candomblé têm laços familiares rompidos e são maltratadas pelos desafetos cotidianos nas suas relações sociais. Convivendo nesses espaços, elas reconstituem laços familiares em que, para além do campo espiritual, as relações socioafetivas são encontradas, como é notado por Bunseki Fu-Kiau (2000, p.12), ao dar uma ideia panorâmica do sistema bantu-congo de pensamento: “ao passo que compreendemos a vida humana no contexto espiritual da comunidade: um processo infinito de nascimento, desenvolvimento, transformação e responsabilidade. O bem-estar da comunidade depende da saúde e integração da totalidade, do amadurecimento das pessoas que lhe constituem como membros.

257

A afetividade aqui mencionada toma corpo e significado como ações comunitárias de cura, refúgio, alento, solidariedade... melhor dizendo, mecanismos de sobrevivência que não foram perdidos pelo tempo e que muitos ainda são encontrados nos mais velhos, uma afetividade descolonial trazendo importância no campo social, observando como o afeto melhora a sociabilidade das mulheres.

Identifico as epistemologias de afeto diante dos encontros com sacerdotes/as no terreiro de candomblé denominado Ilê Axé Omorodé Loni Oluaiê e como elas poderão servir de oferendas analíticas para as escrituras narradas por essas mulheres de terreiro, observando a possibilidade de descortinar as relações traçadas dentro e fora do terreiro.

A Cartografia afetiva

A Cartografia afetiva, surge como o mapeamento dos afetos construídos pelos encontros e pelos convívios das mulheres do terreiro. Possibilita reflexões ancestrais/contemporâneas sobre essa socioafetividade criando

redes afetivas comunitárias, solidárias. A cartografia, como método, permite a percepção das coisas por meio da experiência, do deixar vir e ouvir o outro, de trazer esse processo as alegrias e dores que atravessam os corpos dessas mulheres de maneira mais humanizada, proporcionando trocas de saberes. Os afetos são as constantes navegações de nossas potências e revelam singularidades expressas através dinâmicas propostas e que por conseguinte podem ou não afetar as mulheres da mesma maneira. As cartografias afetivas buscam a grandeza no banal.

Nessa dimensão, criar uma cartografia afetiva seria construir uma história atribuindo realidades/ficções nessas criações, tornamo-nos autores e perceptores que trocam sonhos, ilusões, realidades, ficções, mas, principalmente, que buscam uma relação mediante cartografias impulsionadas pelo afeto, ora seu, ora do outro.(...) Nesse sentido, um mapa afetivo é uma cartografia, por ser vivo, por estar em constante transformação, por ser dinâmico e por conter nele diferentes temporalidades (Pereira, 2014).

O amor que cura

258

Segundo bell hooks (2010)⁴, “o amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar”. bell hooks trata principalmente a questão das mulheres negras nas culturas pós-coloniais. Nesse sentido, propõe tratar o amor como um componente para o resgate de si mesma com objetivo de cura. Em sua obra, vivendo de amor, vê-se que o amor, para muitas mulheres negras, foi negado em diferentes aspectos pelo sistema colonial. Falta de amor e habilidades de amar é, para a autora, o pior dos efeitos que permanecem nas comunidades pós-coloniais. hooks procura caminhos para recuperá-lo utilizando métodos de afetividade entre as próprias mulheres.

A proposta de bell hooks se situa no centro do discurso da descolonização das atitudes e pensamentos das comunidades pós-coloniais. Essa pesquisa aqui relatada analisa as propostas e metodologias no sentido de rever as memórias da diáspora africana como forma de resistência e recuperação do amor desconstruindo questões coloniais impostas sobre as vivências das mulheres negras. Para hooks e outras autoras negras ligadas,

⁴ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, escreve o seu nome em letras minúsculas.

especialmente, com o mundo do feminismo negro, a única possibilidade de atravessar a armadilha da mágoa colonial é pela própria emoção positiva. Para além dessa possibilidade, usarei o afeto como ferramenta espiritual utilizando a obra *O espírito da Intimidade*, de Sobonfu Somé (2002) e observando as vivências/diálogos que irão ocorrer no terreiro Ilê Axé Omorodé Loni Oluaiê, aquilo que nos traz uma outra perspectiva de mundo relacional entre nós mesmas e até entre aqueles que nos cercam.

Posto na encruzilhada este afeto, diante dessas possibilidades de cura e espiritualidade, encontra-se Carla Akotirene (2013). Ao retratar sobre o afeto para as mulheres como maneira de se curarem entre elas mesmas e as suas relações, Carla Akotirene se utiliza da representatividade de Oxum, que tem um cargo como uma Yalodé, para mostrar como a afetividade dessa Orixá pode trazer cura.

O afeto yalodè pode curar emoções adoecidas. Resvalar sob a forma de poder feminino, proteger nossa comum unidade, sendo a nossa pedra da sorte. A recuperação das práticas amorosas entre as mulheres negras pode curar toda humilhação do racismo, e seguramente dosar sob a forma de afeto o vigor emocional. (Akotirene, 2013)

259

Será um desafio encontrar essas possibilidades no terreiro. Kabengele Munanga (2009, p.14) questiona: “afinal, o que significam a negritude e a identidade para as bases populares negras e para a militância do movimento negro?” Desenvolvendo as pesquisas na comunidade do terreiro vou procurar entender como os discursos acadêmicos/militantes sobre negritude e identidade em um lugar de pertencimento podem dialogar e ser úteis para as comunidades negras populares, e também com a perspectiva referentes aos estudos subalternos de Spivak (2008).

Estas dúvidas são parte integral do projeto de pesquisa. O próprio professor Munanga analisando a questão da negritude aponta diferenças sociais, políticas e econômicas entre militância negra e comunidades negras (Munanga, 2009). Quero observar em prática novas estratégias de como ouvir a voz subjetiva do subalterno (Spivak, 2008), trazer a subjetividade como ferramenta das pesquisas acadêmicas (Sá Martino e Salgueiro Marques, 2018), valorizar o afeto como fator descolonizador (bell hooks,

2010) e examinar como se aplicam em discursos prático trazendo novas qualidades de vivências. Durante os encontros no terreiro o tema principal será a afetividade e possibilidade de encontrar diálogos colocando tema “amor como fator descolonizador” (bell hooks, Carla Kotirene). Mesmo que reconhecendo nossas diferenças pretendo buscar junto com participantes do projeto caminhos de afetar e ouvir o outro.

Trazendo conceitos contemporâneos para o terreiro de candomblé quero buscar reais encontros e semelhanças entre discursos do afeto como empoderamento descolonizador e afeto como poder teológico do orixá Oxum, trazendo *orikis*, *odus* e histórias ancestrais relacionadas com afetividade e irmandade das mulheres ancestrais.

Afeto como ferramenta intelectual, afeto como questão teológica do orixá Oxum e os simples afetos entre as mulheres no cotidiano. Tema da minha pesquisa é como estes diferentes significados da mesma palavra buscam seus caminhos de diálogo.

260

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. *Lembrete sobre Oxum*. Instagram, Salvador, jun, 2017. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bs0K_c_nA76/ Acesso: 20 agosto de 2019.

AKOTIRENE, C. Um olhar sobre o machismo e as consequências em saúde para militantes negras. In: *Revista Fórum*, 2001, s/p. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/blog-da-maria-fr/2013/12/28/carla-akotirene-um-olhar-sobre-machismo-as-consequencias-em-saude-para-militantes-negras-47787.html> Acesso: 20 jul 2023.

FUKIAU, Kimbwandènde Kia Bunseki; LUKONDO-WAMBA A. M. *Kindezi: The Kongo Art of Babysitting*. Baltimore: Black Classic Press, 2000.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478.

_____. Vivendo de amor. In: *Geledes*, 2010, s/p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso: 15 março de 2024.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. *Revista da USP*, V.12, nº 2, 2018, p. 217-234.

MORGAN, D.; Focus group as qualitative research. *Qualitative Research Methods Series*. 16. London: Sage Publications , 1997.

MUNANGA, K. *Negritude: Uso e sentidos*. São Paulo: Autêntica, 2009.

OYEWUMI, Oyeronke. *The Invention of Women: Makingan African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1997.

PEREIRA, J. C. *Cartografias afetivas: Proposições do professor- artista- cartógrafo-etc*. R. Ra'e Ga. Curitiba, v.30, p.106-130, abr/2014

SOMÉ, Sobufu. *O Espirito da Intimidade: Ensinaamentos Ancestrais Africanos sobre Maneiras de se Relacionar*. Odysseus, 2007.

SPIVAK, G. C. *In other worlds*. Londres: Routledge, 2008.

_____. Subaltern Talk, interview with the editors. In: LANDRY, D.; MACLEAN, G. (Eds.). *The Spivak reader*. Londres: Routledge, 1996. p. 287-308.